

EXPLORANDO A MEMÓRIA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE EM JORNAIS DE BELÉM: estudo preliminar de 1901 e 1911 na Folha do Norte¹ EXPLORING MEMORY ABOUT HOMOSEXUALITY IN NEWSPAPERS IN BELÉM: preliminary study of 1901 and 1911 in Folha do Norte

Jessé Andrade Santa Brígida ²
Netília Silva dos Anjos Seixas ³

Resumo: O objetivo deste trabalho foi observar as memórias sobre os homossexuais no jornal Folha do Norte no início das duas primeiras décadas do século XX em Belém, Pará, na perspectiva de um estudo histórico e exploratório, haja vista que a menção à homossexualidade nos meios de comunicação não é tão nova e que os discursos sobre o homossexual estão inscritos em uma rede de memórias a qual tais meios integram e, ao mesmo tempo, possibilitam-nos acessá-la, mesmo que em partes. Como parâmetro, partimos dos estudos de James Green, que aponta o mês do Carnaval como época propícia para a emergência de notícias com a presença de homossexuais nas ruas. Observamos 57 edições do jornal no mês de fevereiro de 1901 e 1911, sendo encontrados quatro textos com a temática buscada, que compuseram o corpus de análise. Na Folha há uma construção enunciativa semente para os casos observados, trazendo a natureza como um elemento que prenuncia ou contextualiza as práticas homoeróticas.

Palavras-Chave: Memória. Homossexualidade. Jornais de Belém.

Abstract: The article aims to observe memories on homosexuals in Folha do Norte newspaper at the beginning of the first two decades of the 20th century in Belém, Pará. The study takes into account both a historical and an exploratory perspective, as mention of homosexuality in media is not so new and discourses about the homosexual are inscribed in a network of memories of which media are a constitutive part, as they allow us to access such network, partially or not. James Green's takes on homosexuality are our theoretical framework, which highlights Carnival as a typical time for news about the presence of homosexuals in the streets. We observed 57 issues of Folha do Norte in the February 1901 and 1911, within which we found four texts that dealt with the theme, becoming part of our corpus analysis. Folha's utterances on the social settings present nature-like scenarios to address a presence of homosexual and homoerotic practices.

Keywords: Memory. Homosexuality. Newspapers from Belém.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Memória nas Mídias do XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2018.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia. Bolsista Capes. Jornalista. Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Linguagens, Discursos e Memórias na Amazônia e do projeto de pesquisa "A trajetória da imprensa no Pará: do impresso à internet". E-mail: jesse.asb@gmail.com.

³ Professora da Universidade Federal do Pará, com atuação na Faculdade de Comunicação, no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia e Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias do Ensino Superior. Coordenadora do projeto de pesquisa História da Imprensa no Pará: do impresso à internet (UFPA/CNPq) e do grupo de pesquisa Comunicação, Linguagens, Discursos e Memórias na Amazônia (UFPA/CNPq). Email: netiliaseixas@gmail.com.

1. Introdução

Atualmente, há uma presença constante dos homossexuais nos produtos comunicacionais e de outra natureza, como séries de TV, telenovelas, comerciais publicitários, livros, debates políticos e religiosos, entre outros. Houve um longo caminho até isso acontecer, mas não é de hoje que o homossexual é retratado nos veículos midiáticos.

Nosso trabalho visa a observar como a temática sobre os homens homossexuais foi trabalhada no jornal *Folha do Norte* (1896-1974) no início do século XX, uma vez que é nesse período que, segundo Barbosa (2010), o jornalismo impresso do Brasil se voltou mais para as questões cotidianas e um pouco menos para as questões oficial e política. Nosso estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratória (OROZCO; GONZALEZ, 2012), com a finalidade de propor suporte para uma pesquisa mais ampla em andamento, sobre as memórias referentes aos homossexuais na imprensa do Pará⁴.

O estudo tem base documental (MOREIRA, 2008) e bibliográfica (STUMPF, 2008) com perspectiva histórica, a fim de explorar as memórias sobre a homossexualidade no jornal *Folha do Norte*, publicado em Belém, Pará, nos anos de 1901 e 1911. Outro procedimento metodológico utilizado foi a análise do par enunciado/enunciação proposto por Verón (2004), na qual o enunciado está na ordem do dito e a enunciação, nos modos de dizer.

Green (2000) constatou que, a partir do início do século XX, nos jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, os homossexuais começaram a ser mencionados com maior frequência em notícias, charges, contos satíricos, sendo chamados de “moços alegres” ou “rapazes alegres”. Tais expressões derivam do enunciado “moças alegres”, que designava as mulheres que se prostituíam na época. Para Green (2000), essa forma de nomear indica a ligação de homens homossexuais envolvidos com prostituição, pois as ruas, praças e avenidas eram seus lugares de sociabilidade homoerótica, tanto em nível afetivo como também em busca de sobrevivência por meio da prostituição.

Para este estudo preliminar, foram selecionadas 57 edições do jornal *Folha do Norte*, sendo uma publicação de janeiro⁵, 28 do mês de fevereiro de 1901 e 28 de fevereiro de 1911. O objetivo da pesquisa foi observar a enunciação do jornal, entendendo-a como contribuindo para a constituição de memórias a respeito dos homossexuais.

⁴ A pesquisa mais ampla está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, na Universidade Federal do Pará e tem previsão de conclusão em março de 2019.

⁵ A edição de janeiro foi um desdobramento de um texto encontrado sobre um assassinato que trazia indício de homoerotismo.

A *Folha do Norte*: do século XIX ao XX

A *Folha do Norte* foi um dos principais jornais diários de Belém, tendo relevância para a história da imprensa no Pará (SEIXAS, 2016). Publicado por 78 anos, o periódico foi o segundo de maior duração do estado, cobrindo boa parte do século XX e constituindo-se em uma das coleções mais completas e disponíveis para consulta na Biblioteca Pública Arthur Vianna⁶ e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

O jornal começou a circular em Belém no dia primeiro de janeiro de 1896, 74 anos após *O Paraense* (1822-1823), o primeiro jornal do Pará (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985; COELHO, 2009; SALLES, 1992). A *Folha* já nasceu como um jornal diário, dizendo-se “independente, de caráter noticioso, político e literário”, como podia ser lido no alto da capa, abaixo do nome do jornal. No entanto, era simpatizante do Partido Republicano Federal, grupo chefiado pelo político Lauro Sodré, que exerceu vários cargos no estado, como governador e senador.

Os principais fundadores da *Folha* foram Enéas Martins e Cipriano Santos, opositores às políticas de Antônio Lemos, o então intendente (prefeito) de Belém e proprietário do jornal *A Província do Pará* (1876–2002) (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985; SEIXAS, 2016). Perseguido politicamente, Enéas Pinheiro se refugiou em Manaus. Em 1914, voltou a Belém para assumir o governo do estado, assim, vendendo o periódico a Cipriano Santos.

Em 1917 sobe novamente ao governo do estado Lauro Sodré, que leva Cipriano Santos aos cargos de senador e intendente municipal de Belém, o que obrigou Cipriano a passar o comando da *Folha* para o revisor Paulo Maranhão (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Maranhão, então, muda a linha política do jornal e fica no comando até o dia 17 de abril de 1966, quando faleceu. Assumiu o filho, Clóvis Maranhão, que em 27 de junho de 1973 vendeu o periódico ao empresário de mídia Romulo Maiorana, já proprietário do jornal *O Liberal* e de emissoras de rádio e televisão. Maiorana mudou a “estrutura e feição jornalística” da *Folha* (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1895, p. 155) e, no ano seguinte, fechou o jornal, absorvendo a infraestrutura para *O Liberal*, em ascensão.

⁶ A Biblioteca Pública Arthur Vianna, fundada em 25 de março de 1871, em Belém, era anexada ao Arquivo Público do Pará. Em 1956 passou a integrar a Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN). É detentora do acervo de obras raras e de periódicos do estado, com jornais e revistas que circularam desde o século XIX até a atualidade. Possui um acervo de aproximadamente 770.675 volumes, entre livros, folhetos, revistas, jornais, mapas, discos de vinil, fitas de vídeo, DVDs, CDs, livros em braile, microfímes, jogos, gibis, entre outros. Atende ao público diariamente e tem frequência média de 2.000 usuários/dia.

O jornal *Folha do Norte*, como se pode perceber, foi um jornal de longevidade na história da imprensa no Pará, cobrindo o final do século XIX e boa parte do século XX. Ao longo de seus 78 anos, acompanhou não só as mudanças políticas e sociais da capital paraense como também mudanças na própria forma de se fazer jornalismo. Isso, pelo fato, como observou Barbosa (2010; 2013), de o jornalismo no século XIX ter um caráter mais oficial, ligado, diretamente, aos embates políticos, enquanto o jornalismo do século XX se reconfigurou na forma da escrita e no foco da narrativa, deslocando-se mais para as questões do cotidiano das cidades.

O jornal como zona de contato: o encontro entre as memórias

Seguindo os conceitos de Pollak (1992) e Halbwachs (2006), entendemos que a memória se estabelece de duas formas básicas, a individual e a coletiva. Segundo Pollak (1992), a memória individual se constitui no sujeito a partir de sua experiência com o social, tendo em si a soma da relação com outros sujeitos e as realidades que o circundam. Essa memória individual integra e se alimenta, num processo contínuo, da memória coletiva (HALBWACHS, 2006), que pode ser comparada a uma espécie de DNA social que perpassa épocas e que constitui saberes cristalizados sobre diversos assuntos.

Por isso, a memória individual/coletiva presente nos jornais por meio dos textos jornalísticos adentra numa rede de sentidos que forma, cristaliza ou ressignifica memórias sociais sobre diversos assuntos, por exemplo, a questão homossexual.

O conceito de zona de contato (PRATT, 1999) nos é pertinente para analisarmos os trechos que trazem enunciações sobre os homens homossexuais nas páginas da *Folha do Norte*. O conceito foi cunhado por Mary Louise Pratt (1999) no livro *Os olhos do Império*. No livro, a autora propõe deslocar a discussão sobre imperialismo do campo político e/ou econômico para englobar as questões de construção de visões de mundo, imagens de si, estereótipos étnicos, sociais, geográficos que se legitimam pela dominação extrema e pela interferência direta nas mentes dos envolvidos.

A zona de contato é o terreno de encontro dentro das macronarrativas (MIGNOLO, 2003), são precisamente os lugares nos quais “um outro pensamento” poderia ser implementado, não para dizer a verdade em oposição às mentiras, mas para pensar de outra maneira, caminhando para “uma lógica”, em suma, para mudar os termos, e não apenas o contexto da conversação (MIGNOLO, 2003, p. 106).

Assim, estudar o processo histórico dos homossexuais nos jornais seria uma forma de entender uma macronarrativa com a finalidade de encontrar não verdades ou mentiras, mas uma historicidade e as memórias das expressões pelas quais esses sujeitos foram/são denominados, pois tal processo é um indício do discurso circulante a seu respeito. Assim, entendemos que a enunciação dos jornais, a respeito dos homossexuais, contribui como memória que entra na rede de sentidos a respeito da temática.

As zonas de contato podem “sugerir a vastidão, descontinuidade e multiplicidade de variáveis determinantes da história da construção do sentido imperial” (PRATT, 1999, p. 28). Pratt (1999) utiliza o conceito na análise das cartas europeias de expedição a partir do ano de 1750. A sua obra se volta para essas cartas e a construção de colonialidades do saber e do poder que elas proporcionaram.

Contudo, nosso estudo se inspira na proposta do conceito até outras materialidades e temporalidades, uma vez que sempre estamos envoltos por zonas de contato que criam e reconstroem saberes a todo momento. Toda a obra de Pratt (1999) está balizada por uma pergunta-chave:

Como o relato de viagem e exploração produziu “o resto do mundo” para leitores europeus em momentos particulares da trajetória expansionista da Europa? De que forma esta produziu concepções européias de si mesma, diferenciadas em relação àquilo que passou a ser possível denominar “o resto do mundo?” Como tais práticas de estabelecimento de significado codificam e legitimam as aspirações de expansão econômica do império? Como elas as evidenciam? (PRATT, 1999, p. 28-29, aspas da autora).

Essa pergunta é significativa para o estudo sobre a homossexualidade na imprensa paraense. Parafraseando a primeira sentença da pergunta de Pratt (1999), podemos indagar: como a enunciação da *Folha do Norte*, assumindo o papel de dominante, produziu relatos sobre os “rapazes alegres” para os leitores do periódico? Onde Pratt (1999) viu as cartas dos relatos europeus como zonas de contato, nosso estudo faz algo similar e pretende entender o jornal impresso como local de encontro entre as memórias de sujeitos. Isso porque a elaboração de uma notícia nos jornais permite termos acessos a rastros (mesmo que mínimos) dos sujeitos da enunciação (fontes e jornalistas) e dos destinatários. Entra nessa tessitura o homossexual (fonte de enunciação, mas também alvo do enunciado), trazido à tona a partir de enunciados que são indícios da presença social desse sujeito.

Existe nessa zona de contato uma comunicação interacional (FRANÇA 2008), onde as memórias dos sujeitos colidem e permitem a (re)elaboração de memórias que estão contidas (e

podem ser acessadas, em parte) nos meios de comunicação, no caso deste trabalho, no jornalismo da *Folha do Norte*, um bastião da imprensa paraense em parte do século XX.

Pode-se considerar ainda, segundo Vera França (2008), que as palavras não são escolhidas aleatoriamente, muito menos têm um valor de igualdade, pois “elas trazem sentidos que conformam nossa apreensão e compreensão de mundo” (FRANÇA, 2008, p. 71). Por esse motivo, na linguagem, podemos encontrar marcas de interações particulares, o que aponta para a existência de significados distintos (FRANÇA, 2008) que permeiam as relações sociais em que estamos imersos.

O texto não é uma construção verbal acabada, é um processo social, semiótico e comunicacional (LEAL; CARVALHO, 2017). Em outras palavras, o texto tem uma instabilidade de significação que pode ser entendida com o contexto. No processo comunicacional, o enunciado se torna discurso e entra em uma corrente histórica que contém outros discursos já existentes (FIGARO, 2015). Esse encontro de discursos interage, constrói, atualiza e elabora novos discursos e sentidos, os quais serão ofertados novamente à sociedade, em especial pelos meios de comunicação, que os amplificam em um ciclo sempre ativo e contínuo. Os meios fazem emergir essas memórias por meio das enunciações, que trazem em si vestígios que estão tanto em seu tempo presente, como utilizam elementos do passado.

Por isso, Verón (2004) atenta para a enunciação dos meios de comunicação, o que, na sua visão é determinante para a sobrevivência de um determinado meio, mesmo que o conteúdo seja semelhante. Sendo assim, baseando-nos em Verón (2004), podemos concluir que cada suporte impresso apresenta seus sujeitos pela enunciação e é por meio dela que o enunciador deixa marcas que podem ser indiciárias do seu local de fala e de suas memórias. Nessas enunciações também podemos encontrar traços dos destinatários, pois ao enunciar prevemos a imagem a quem a enunciação se destina (VERÓN, 2004).

No processo comunicacional temos o encontro de sujeitos históricos, o enunciador e o destinatário, que interagem num processo ora amigável ora de disputa. Para além do modelo transmissivo de informação, cabe mais a noção proposta por Fausto Neto (2010), a da circulação, que entende os sujeitos em dinâmica permanente de negociações.

Podemos pensar que a História é composta por processos comunicacionais e por isso não há como não pensar nesse processo sem atentar para relações temporais (BARBOSA, 2012). Algo a que somos levados pelo fato de, em cada época, haver uma construção particular

de sujeito, uma espécie de “rosto histórico” (BARBOSA, 2012, p. 146), com seus desenhos próprios, vestígios emanados também das enunciações e enunciados.

Seguimos a perspectiva de Foucault (2008) de não se prender ao objeto em si, mas, sim, olhar para as práticas de um determinado tempo e lugar, um método arqueológico que permite uma regressão parcial aos pontos nodais que moldaram e moldam diversos discursos presentes nas mídias por meio de uma rede de memórias sociais, as quais atuam nos meios midiáticos. Assim, segundo Marialva Barbosa (2012, p. 149), “o passado só se deixa ver sob a forma de processos comunicacionais duradouros”. Ou seja, estudar o passado é estudar os processos comunicacionais.

A homossexualidade nas páginas da *Folha do Norte*: o início do estudo

No início do século XX, a Amazônia e estados como Rio de Janeiro e São Paulo também viviam a *Belle-Époque* (SARGES, 2000; GREEN, 2000). O destaque era o Rio de Janeiro, o centro econômico e cultural do país. Os estudos de Green (2000) evidenciaram que esse momento histórico possibilitou a emergência de subculturas noturnas pelas ruas da então capital do país. Tais grupos noturnos eram formados por prostitutas, malandros, homossexuais, entre outros. Esses grupos, entendidos como subalternos, concentravam-se nos centros culturais, rodeados por teatros, praças e prostíbulos (GREEN, 2000).

Nas pesquisas desenvolvidas pelo historiador, o jornal carioca de cunho satírico *O Malho* (1902)⁷ foi identificado como um dos primeiros a trazer representações de homens homossexuais cariocas, mostrando hábitos, vestimentas e as relações homoeróticas que ocorriam nas zonas de prostituição. O periódico constituiu as primeiras impressões a respeito do tema na mídia, ecoando os discursos do século XX sobre a temática.

Para nossa pesquisa, o estudo de Green (2000) é um ponto inicial, pois possibilita que vejamos algumas das enunciações a respeito dos sujeitos homossexuais do Rio de Janeiro e São Paulo no início século XX.

⁷ Revista ilustrada de sátira política que começou a circular no Rio de Janeiro em 20 de setembro de 1902 e foi fundada pelo francês Crispim do Amaral, que também era o diretor artístico da revista. Era publicada semanalmente e ficou famosa pelas charges e caricaturas que ironizavam o governo. Tinha como diretor Luís Bartolomeu de Sousa e Silva e, durante o período que circulou, contou com vários desenhistas como J. Carlos, Calixto Cordeiro, J. Ramos Lobão, Alfredo Stoni, entre outros. Com a Revolução de 1930, *O Malho* deixou de circular por alguns meses, pois foi empastelada e a redação foi incendiada e fechada. Ainda em 1930 voltou a circular, porém, não mais com o mesmo humor ácido, o que possibilitou atravessar a censura imposta pelo Estado Novo de Getúlio Vargas. A revista chegou ao final em janeiro de 1954 (SODRÉ, 1998).

A renovação do Largo do Rossio, como parte do projeto de reurbanização do início do século XX, deu motivos para que um chargista conectasse os frescos à praça. Um desenho a manequim e um poema sardônico intitulado “Fresca Theoria (Requerimento)” foram publicados em 1904 em um número da revista *O Malho*, especializada em humor e sátira política. A charge mostrava um homem com um chapéu de palha da moda, gravata borboleta florida, paletó justo e curto e calças coladas e chamativas fazendo ressaltar as nádegas e dando a sua figura um formato de S, a pose clássica da mulher nas ilustrações da virada do século (GREEN, 2000, p. 64).

Nesse mesmo período de efervescente produção econômica e cultural no Rio e em São Paulo, Belém se destacava no cenário nacional, porém, não tinha a mesma repercussão cultural, comparada às cidades em questão. No que tange às notícias que tinham a presença de homens homossexuais nos jornais de Belém, não se tem muito conhecimento, sobretudo, por se tratar de um grupo social periférico, composto por sujeitos historicamente marginalizados dentro de uma região também marginalizada, como a Amazônia⁸.

O ponto de partida do nosso estudo se deu pelo Carnaval, festa comum no território brasileiro e que, segundo Green (2000), foi o momento mais propício à emergência de notícias a respeito de homens homossexuais nas ruas e nos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Sendo assim, tomamos a festa carnavalesca de 1901 e 1911, no mês de fevereiro. Um texto publicado em fevereiro aponta para uma notícia do mês de janeiro de 1911, que, por sua relevância, também integra o *corpus*⁹.

No ano de 1901, houve apenas um relato sobre a presença de homens homossexuais nas ruas de Belém durante as festas carnavalescas nos dados observados. O texto possibilita ver uma enunciação com expressões que, além de ambientar a festa, mostrava nuances que faziam referência direta a homens travestidos de mulher e com articulações femininas.

Póde-se afirmar que a estação carnavalesca em Belém começou no domingo ótimo. Foi uma bella tarde, de ceu limpo de vens e frescar; diversos grupos de bobos correram as ruas e esforçaram-se por rir. Tomolhou-lhes a dianteira o Cora[ilegível] catraeiros, rapazes alegres que aba[ilegível]ram as catraias e os remos para se divertir cantando as modinhas de sua terra, ca[ilegível] risador à portugueza mesmo e bem pr[ilegível]siador; os pretinhos também

⁸ A região amazônica é um local propício a estudos que busquem entender a constituição de vários sujeitos, plurais e cambiantes. Para além das etnias, raças ou da origem, a Amazônia é uma fronteira de contatos, de trocas e de saberes que não se isolam ou se excluem, somam-se (PACHECO, 2012).

⁹ Como a pesquisa é de caráter exploratório, estivemos abertos a indícios que apontassem para notícias em outros meses e que ajudassem a entender melhor as enunciações e as memórias que se materializam no jornal *Folha do Norte* sobre os sujeitos homossexuais.

saíram [ilegível] atordoadores ma[ilegível]; o brigue Terr[ilegível] a sua tripulação revoltada etc. (FOLHA DO NORTE, 5 fev. 1901, p. 1)¹⁰.

No texto, o enunciador, tomando seu “poder” de descrever o ambiente, refere-se ao clima como “uma bela tarde, de céu limpo de vens e frescar”. O termo “frescar”, a priori, remete a um ambiente refrescado, ventilado. Tomando por base os estudos de Green (2000) nos jornais cariocas e paulistas, a expressão “fresco”, e suas derivações, foi uma das primeiras a apontar a presença de homens homossexuais nas ruas. Em outras palavras, dentro dessa enunciação, qualificando o ambiente de “fresco”, o texto parece já prenunciar a presença de homens homossexuais nas ruas.

Na sequência, tem-se a expressão “rapazes alegres”, que associamos a “moços alegres”, termo pelo qual os homossexuais eram conhecidos no início do século XX. No período em questão, homens que se vestiam como mulheres, utilizavam pó de arroz ou ruge no rosto, eram chamados de “frescos” ou de “moços alegres” (GREEN, 2000, p. 85). Essa última expressão se devia a homens homossexuais que se prostituíam nos centros das cidades, uma derivação de “moças alegres”, mulheres que também vivam da prostituição no centro urbano (GREEN, 2000). Ou seja, a expressão “rapazes alegres” carrega uma memória da prostituição nos centros das cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belém. Possivelmente, nem todos os homens eram homossexuais, mas para descrever a cena e para demonstrar que havia homens travestidos de mulheres, o enunciador apresenta um cenário de frescura. A estratégia do jornal nos parece ser a de recorrer à memória da época acerca da presença dos rapazes e moças alegres e do que isso significava, mesmo no ambiente do Carnaval

Podemos dizer que a *Folha do Norte* utilizava expressões semelhantes às dos jornais do Rio e de São Paulo para apontar a presença de homens homossexuais e travestidos nas vias públicas. Porém, nessa zona de contato, que é o jornal, podemos ver uma negociação se estabelecendo entre os sujeitos, pois a enunciação do jornal permite que “rapaz alegre”, que faz referência à homossexualidade, enlaçasse-se com a alegria promovida pelas festas de Carnaval. Em outras palavras, há nesse trecho um duplo significado para “rapazes alegres”, possibilitando sentidos que constituem memórias ainda conturbadas (naquele momento histórico) entre prostituição e homossexuais sempre como risonhos e alegres.

¹⁰ Optamos por manter a escrita original do jornal.

No início da década de 1911, o discurso a respeito do Carnaval foi semelhante, mudando algumas nuances na forma de enunciar. No dia seis de fevereiro, a *Folha* noticiou o Carnaval daquele ano. Novamente se percebe a presença de homens travestidos na festa carnavalesca no centro de Belém.

Belém, dando expansão ruidosas a sua alegria, viu em massas rumorejantes e compactadas para as ruas e as praças publicas, divertir-se a valer, aproveitando a tarde polvilhada de ouro e céu escampo, que invocava um desses dias da terceira estação do anno, que começa no solstício de junho e acaba no equinoxio de setembro. Depois do meio-dia começaram a perambular pelas vias publicas os tradicionais e insípidos bobos, e em seguida, gárrulos bandos de risonhos meninos, phantasiados com esmero, e alguns cordões, que apresentavam vistosas toilettes, e sucessivamente carruagens e automóveis, conduzindo famílias das mais elevadas hierarchias sociais (FOLHA DO NORTE, 6 fev. 1911, p. 1).

A presença desses homens foi mais sutil. Como no texto anterior, o enunciador se preocupa em descrever o ambiente, dizendo ser um dia diferente, deslocado do clima habitual do mês de fevereiro, pois era “um desses dias da terceira estação do anno, que começa no solstício de junho e acaba no equinoxio de setembro”, ou seja, um dia que não era de fevereiro, um dia incomum. Seguindo a enunciação, quando o clima começa a ficar mais ameno, após o meio dia, o sol começa a diminuir a intensidade, ressurgindo a ideia de clima “fresco”. Desse ponto, começam a aparecer os foliões. A presença dos “moços alegres” é mais sutil ainda no texto: “[...] risonhos meninos, phantasiados com esmero [...]”. É percebido que, de 1901 para 1911, a enunciação se manteve semelhante, com algumas variações. Manteve-se o clima como uma forma de prenúncio da presença de homens travestidos de mulheres ou até mesmo homossexuais. Porém, esse homem não é mais descrito como moço alegre, o enunciado se modifica para um sinônimo, “rapazes risonhos”.

Mudando de ares: da cidade para o campo

Houve um momento em que o jornal se referiu aos homens homossexuais ou homens homoeróticos de forma diferente do contexto do Carnaval. No dia quatro de fevereiro de 1911, o jornal trouxe o caso de um assassinato em Breves, Pará¹¹. O relato apresenta indício de uma relação homoerótica entre dois homens.

¹¹ Cidade no interior do Pará.

A FACA

Morte da vítima. Em sua edição de 19 do mez findo, noticiou a FOLHA ter sido esfaqueado no abdome o seringueiro Benevenuto Corrêa, pelo seu companheiro Alexandre Cardoso, no rio Pauxis, districto de Breves, quando ambos se achavam deitados na mesma rede (FOLHA DO NORTE, 4 fev. 1911, p. 1).

Aqui, abrimos um parêntese para narrar o percurso da pesquisa. A princípio, a busca era por expressões que foram apontadas por Green (2000) como os primeiros enunciados utilizados para nomear homens homossexuais nos jornais. Contudo, ao ler o trecho selecionado de quatro de fevereiro de 1911, ocorreu um estranhamento sobre a notícia que entendemos como indício de uma relação homoerótica ou até mesmo homoafetiva.

Percebemos, ao final do trecho, que os dois homens estavam “deitados na mesma rede”. Nesse trecho destacamos dois elementos, o verbo “deitados” e o substantivo “rede”. Levando em conta a historicidade do termo “deitar”, que por muito tempo (deitar-se junto na mesma cama) foi destinado ao casal (GIDDENS, 1993), percebemos um indício de um ato sexual velado. No que diz respeito à rede, trata-se de algo encontrado facilmente na região amazônica, porém, não é comum duas pessoas sem certo grau de intimidade a dividirem no ato de deitar, devido ao alto grau de contato. Tais elementos são indícios fortes de uma possível relação sexual entre os dois seringueiros.

No caso estudado, foi preciso buscar o antecedente da notícia, saindo do mês de fevereiro e indo para 19 de janeiro de 1911, o dia da primeira notícia.

A FACA

No dia 15 do corrente, às 4 horas da tarde, os seringueiros Benevenuto Corrêa e Alexandre Cardoso, freguezes de Antonio Chaves e moradores no rio Pauxis, districto de Breves, regressavam da casa de um conhecido, onde beberam regularmente e, uma vez em sua barraca, Alexandre Cardoso deitou-se em uma rede e Benevenuto, pouco depois, deitou-se com elle. Depois rengaram e, como Cardoso se asperasse, sacou de uma faca, fazendo dois ferimentos profundos no abdômen do seu companheiro (FOLHA DO NORTE, 19 jan. 1911, p. 1).

Quando chegamos à primeira notícia, percebemos indícios mais evidentes de uma possível relação homoerótica ou até mesmo homoafetiva entre Benevenuto e Alexandre Cardoso. O jornal parece simular um possível envolvimento entre os dois, quando enuncia os trechos “deitou-se com ele” e “seu companheiro”. Este segundo faz alusão também à questão

de serem companheiros de trabalho no seringal, dando uma certa ambiguidade para a enunciação.

Baseado nos estudos sobre o conto *A Selva*¹², Carlos Antônio Magalhães Guedelha (2013) afirma que eram comuns atos homoeróticos entre os seringueiros. Segundo Guedelha (2013), a presença de mulheres era algo raro nos seringais, em especial, porque os homens recrutados para trabalhar eram proibidos de levar esposas ou filhos na viagem, uma vez que, na visão do patrão, a família era apenas um atraso no trabalho e elevava o custo da viagem. O autor segue mostrando que no conto *A Selva* são descritos práticas sexuais de várias naturezas, desde a homoerótica até mesmo a zoofilia, uma vez que o conto está circunscrito na escola Naturalista¹³, que tinha o ser humano como um produto do meio. Ou seja, uma vez que não havia mulheres suficiente para todos os homens, eles buscavam outras formas “não convencionais” de saciarem os desejos sexuais. Esse homem que deixa a civilização, volta (de certa forma) ao estado primitivo, tendo atos que no momento histórico eram tidos como bestiais.

Levando-se esses fatos em consideração, é possível dizer que o fato enunciado na *Folha* contém fortes indícios de um caso de homoerotização que acabou em assassinato. Seguindo essa ideia, pode-se ver que a forma de enunciar é peculiar, começando pelo ambiente. Já não é mais o Carnaval, mas, sim, um lugar no interior do estado, “longe da civilização”. O trecho do jornal mostra que Benevenuto e Alexandre estavam (levemente) embriagados, fora da consciência normal. Nesse ponto, podemos observar um encontro de memórias na zona de contato. Memórias jornalísticas na captura das informações sobre o caso e memórias do estilo naturalista de escrever, mostrando que o ambiente e os elementos que estavam sendo enunciados eram uma composição que justificava os atos da sexualidade e da tentativa de assassinato. Em outras palavras, a nunciação nos leva a inferir que esses homens (que já não eram os mesmos homens homossexuais das cidades, os alegres e fantasiados do Carnaval) eram homens pobres, do interior, no meio do mato, sem mulheres e alcoolizados, longe da civilização

¹² Livro de autoria de Alberto Rangel.

¹³ O Naturalismo começou na França na segunda metade do século XIX e refletia toda uma cultura científica que avançava na Europa a partir do positivismo de Auguste Comte e pela Teoria da Evolução das Espécies de Darwin. Os escritores dessa escola propuseram uma visão de mundo objetiva, imparcial, materialista e determinista. Uma das principais temáticas abordadas no Naturalismo literário foi o desvio do comportamento humano, que, segundo essa escola, são influenciados pelas noções de “raça” e “meio”. O romance *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, é considerado o marco inicial da escola no Brasil, seguido de obras marcantes como *Bom Crioulo*, de Adolfo Carminha, *A Carne*, de Júlio Ribeiro, e *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. O movimento começou a enfraquecer no início do século XX (SENRA, 2006).

e da civilidade, por isso tinham comportamentos animais, ou bestiais, como Gadelha (2013) descreveu as práticas sexuais nos seringais.

Considerações finais

Sobre os dados colhidos, percebemos que no início do século XX as enunciações a respeito dos homens homossexuais ainda eram raras na imprensa, com poucas passagens. Das 57 edições observadas do jornal *Folha do Norte*, apenas quatro textos foram encontrados. Neles, foi possível perceber referências a questões envolvendo homens homossexuais ou relações homoeróticas. Esses textos possibilitam ver como as enunciações eram semelhantes às encontradas por James Green (2000) nos jornais cariocas e paulistas.

O jornal, como zona de contato, possibilita ver os cruzamentos entre várias memórias, mesmo que ainda confusas sobre como se percebia o homem homossexual no início do século XX. O que fica claro é que o ambiente natural justifica e ao mesmo tempo prenuncia o ato homossexual, ou seja, as memórias desses sujeitos estão imersas numa configuração que mostra que a homossexualidade está fora de uma dita normalidade civilizatória. O homossexual da cidade é deslocado do “real”, ele está dentro de um dia atípico, de um dia no qual tudo é permitido, em que até mesmo o clima lhe é semelhante, sendo o caso de homossexualidade no interior assinalado pela forma como aqueles homens estavam tomados pelo ambiente que os rodeava, pelo estado alcoólico e pela carência da presença feminina, levando-os a se “entregarem” a atos que eram considerados bestiais.

Nos relatos na *Folha do Norte*, há uma ordem enunciativa explícita. Começa-se com a descrição do ambiente para, em seguida, descrever-se o momento e a presença de homens homossexuais. Mesmo quando essa relação não estava no contexto festivo do Carnaval, o ambiente ainda se mantinha presente, como se o sujeito homossexual fosse um elemento do próprio clima ou local que é enunciado, e a presença ou atitudes homossexuais fossem inerentes ou casualidades do ambiente em que estava inscrito. Nos textos coletados e analisados é possível perceber vestígios das memórias que ecoam e (re)elaboram discursos sobre sujeitos sociais marginalizados, como os homens homossexuais, ainda nos dias de hoje.

Referências

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

_____. O presente e o passado como processo comunicacional. **MATRIZES**, São Paulo, ano V, n. 2, p.145-155, jan./jun. 2012. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/38330/41187>. Acesso em: 20 out. 2016.

_____. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 19-43.

COELHO, Geraldo Mártires. **O espelho da natureza: poder, escrita e imaginação na revelação do Brasil**. Belém: Paka-Tatu, 2009.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra (Org.). **Mediatización, sociedad y sentido**: diálogos entre Brasil y Argentina. Rosario, Argentina: Departamento de Ciencias de La Comunicación, Universidad Nacional de Rosario, 2010. p. 2-15. Disponível em:
<http://www.fcpolit.unr.edu.ar/wpcontent/uploads/Mediatizaci%C3%B3nsociedad-y-sentido.pdf>. Acesso em: 08 set. 2017.

FIGARO, Roseli. Introdução. In: FIGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 9-17.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANÇA, Vera R. V. Interações comunicativas: a matriz conceitual de George Mead. In: PRIMO, Alex et al. (Org.). **Comunicação e interações**. Porto Alegre: Sulina; Compós, 2008, p. 71-91.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. O abrasamento sexual nos seringais amazônicos, por Alberto Rangel e Ferreira de Castro. **O Guarani**: Revista Eletrônica de Literatura [online], não paginado, 2013. Disponível em: <http://oguari.blogspot.com.br/2013/09/o-abrasamento-sexual-nos-seringais.html> . Acesso em: 20 jun. 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. Aproximações à instabilidade temporal do contexto. **Revista FAMECOS**, ano XXIII, v. 24, n. 3, p. 1-21, set./dez. 2017. Disponível em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/27042>. Acesso em: 08 set. 2017.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008, p. 269-279.

MIGNOLO, Walter. Pensamento liminar e diferença colonial. *In*: MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 79-130.

OROZCO, Guillermo; GONZÁLEZ, Rodrigo. Una coartada metodológica: abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias. México: Tintable, 2012.

PACHECO, Agenor Sarraf. Os estudos culturais em outras margens: identidades afroindígenas em “zonas de contato” amazônicas. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, ano IX, v. 9, n. 3, p. 1-19, set./dez. 2012. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/ARTIGO_1_SECAO_LIVRE_AGENOR_SARRAF_PACHECO_FENIX_SET_OUT_NOV_DEZ_2012.pdf. Acessado em: 18 jul. 2018.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 18 jul. 2018.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: EDUSC, 1999.

SALLES, Vicente. *Memorial da Cabanagem*. Belém: CEJUP, 1992.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. *A história da imprensa no Pará: do impresso à internet*. Projeto de pesquisa em andamento. Edital Universal MCTIC/CNPq no. 01/2016. Belém: UFPA, 2017.

STUMPF, Ida Regina C.. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008, p. 51-61.

VÉRON, Eliseo. *Fragments de um tecido*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.